



UM ECLIPSE DE MAL-ENTENDIDOS: Entre expedições científicas e o medo do fim do mundo, no sertão da Paraíba (1940)

Ivanildo Dos Santos Xavier Júnior¹

RESUMO:

Este trabalho faz parte da minha pesquisa de mestrado junto ao PPGH/UFPB. Nela analiso as distintas interpretações populares sobre um eclipse solar ocorrido em 1940, no sertão paraibano. O eclipse foi observado por duas expedições astronômicas norte-americanas nas cidades de Patos e Piancó. O fenômeno possibilita analisar as ideias de modernidade que circulavam na região, e seus confrontos com as tradições locais. Minhas fontes são as matérias da cobertura jornalística do Diário de Pernambuco, feita em Patos, por Octacílio Nóbrega de Queiroz. O jornal torna-se um espaço de confronto entre o saber científico e as crenças populares sobre o eclipse. Meu objetivo é relacionar as diferentes maneiras de interpretar o eclipse e as ideias de modernização do sertão que circulavam na época.

PALAVRAS-CHAVE: Eclipse; Sertão; Modernidade; Expedições Científicas.

AN ECLIPSE OF MISUNDERSTANDINGS: between scientific expeditions and the fear of the end of the world in the hinterlands of Paraíba (1940)

ABSTRACT:

This work is part of my master's research at PPGH/UFPB. In it, I analyze the distinct popular interpretations of a solar eclipse that occurred in 1940 in the hinterlands of Paraíba. The eclipse was observed by two American astronomical expeditions in the cities of Patos and Piancó. The phenomenon becomes an opportunity to analyze the ideas of modernity circulating in the region and their clashes with local traditions. My sources are the articles from the journalistic coverage of the Diário de Pernambuco, made in Patos by Octacílio Nóbrega de Queiroz. The newspaper becomes a space for the confrontation between scientific knowledge and popular beliefs about the eclipse. My objective is to connect these different ways of interpreting the eclipse with the ideas of modernization of the hinterlands circulating at the time.

KEYWORDS: Eclipse; Hinterlands; Modernity; Scientific Expeditions.

¹ Mestrando em História do PPGH da Universidade Federal da Paraíba. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5742391546756440>. Endereço de e-mail: junior.cm2010@gmail.com.

Introdução

Em 1940, duas expedições científicas norte-americanas estiveram nas cidades de Patos e Piancó, no interior da Paraíba, para observar um eclipse total do sol. Uma delas foi organizada pela National Geographic Society e era liderada pelo renomado físico Ivirne Gardner² e composta por mais cinco cientistas. A segunda foi organizada pela Brown University, era composta por três pessoas e tinha como chefe o astrônomo Charles Smilley³.

Além das expedições, muitos jornalistas e curiosos estiveram na região em virtude do fenômeno, que aconteceu no primeiro dia de outubro daquele ano. Os cientistas norte-americanos desembarcaram no porto de Recife, no início do mês de setembro. Alguns dias depois seguiram para o sertão da Paraíba, onde realizariam as atividades de observação.

Neste artigo pretendo analisar como o mesmo fenômeno – o eclipse de 1940 – foi interpretado de maneira distinta por diferentes grupos no sertão da Paraíba. Além disso, busco estabelecer relações entre interpretações os projetos de modernização que eram implantados na região naquele período.

Acredito que observar o período de cerca de um mês que cientistas norte-americanos permaneceram no sertão da Paraíba me permitirá perceber diferentes discussões sobre esta região. Discursos dos cientistas estrangeiros, da elite local e da população patoense. Pretendo verificar como estes discursos interagem para a construção de um discurso regional nas páginas do Diário de Pernambuco.

² O físico norte-americano Irvine Gardner nasceu em 1889 e faleceu em 1972. Contribuiu significativamente para o campo da óptica aérea. Dedicou sua carreira à construção de instrumentos ópticos. Foi membro e presidente do National Bureau of Standards (NBS) e venceu o Prêmio Jarus W. Quinn.

³ O doutor Charles Hughs Smiley formou-se em matemática, fez seu mestrado e doutorado na UC Berkeley. Em 1930 tornou-se professor da Brown University. Nesta universidade foi diretor do Observatório Ladd e do Departamento de Astronomia de 1938 até sua aposentadoria.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Utilizei a cobertura jornalística do Diário de Pernambuco⁴ sobre o eclipse como principal fonte de análise. Essa cobertura teve como base a cidade de Patos. Para a cidade o jornal enviou o seu jovem redator do, Octacílio Nóbrega de Queiroz, que era um filho daquela cidade. Procurei contar a história de como a cidade de Patos viveu o eclipse por meio das páginas do periódico (LUCA, 2008).

Usei, também, dados do Recenseamento Demográfico de 1940, para montar um quadro mais geral a respeito da urbe de Patos em um primeiro momento deste tópico. Depois, através da cobertura jornalística, analisei como a população local interpretava o eclipse e o papel das expedições na tentativa de “desencantar” essas interpretações populares. Sabendo que os censos são documentos históricos involuntários, analisei criticamente os dados, selecionando e problematizando aqueles que me ajudassem a perceber como era o espaço físico e a sociedade da urbe patoense (BARROS, 2019).

Sobre o conceito de sertão, acredito que uma região não se configura como um espaço natural, estático e atemporal. Compreendo, então, o sertão como uma construção, tecida e (re)tecida a partir de uma série de discursos, imagens e experiências em diferentes épocas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35). Essa perspectiva me permite alcançar a dimensão histórica do que era o sertão de que estou tratando no artigo.

Já modernização deve ser compreendida aqui como o diálogo – ou de maneira mais justa, uma polêmica – entre duas perspectivas distintas sobre a modernidade: a de Marshall Berman e a de Nestor Canclini.

A modernização pode ser compreendida como uma tentativa de implantação de um modelo fáustico de desenvolvimento, a partir da concepção

⁴ O jornal Diário de Pernambuco na década de 1940 tinha uma ampla circulação e contava com vários colaboradores no Brasil e no exterior. Desde a década anterior pertencia aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. (LEÃO, 2008; LEITE, 2017).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Bermaniana de modernidade. Este modelo foi marcado pelo surgimento de diversas autarquias públicas e superagências em países pobres durante o século XX (Berman, 1986, p. 73), como a Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, criada no ano de 1909, no Brasil.

Enquanto isso, Néstor García Canclini aponta que cada região, ou mesmo cada comunidade, experimenta as ondas de modernização à sua maneira. Muitas vezes, estas comunidades entram na modernidade através de elementos de suas tradições (2019, p. 235).

Assim a modernização do sertão é compreendida aqui como um movimento duplo. O primeiro é a promoção de obras estatais contra a seca e a chegada de diversos signos da modernidade durante as primeiras décadas do século XX – um projeto fáustico de modernização típico, como explica Berman. O segundo é a manutenção de parte das tradições locais como chave para que as comunidades sertanejas entrassem, como diria Canclini, na modernidade – o cristianismo popular pode ser uma destas chaves.

Por fim, dialogando com François Hartog (2013, p.56), parto da ideia de que as diferentes maneiras de vivenciar e compreender o eclipse circulassem graças a existência de regimes de historicidades distintos entre os sujeitos que estavam em Patos e Piancó. Defendo que estas interpretações dialogavam, mesmo que de maneiras distintas, com o processo de modernização que a região experimentava.

Expedições norte-americanas no sertão paraibano para observar o eclipse

O envio de expedições para observação de eclipses ao redor do mundo e no Brasil é uma prática que remete ao século XIX⁵. Ao analisar a biografia dos dois

⁵ Um exemplo disso: em 16 de abril de 1893, uma expedição científica do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, e outra expedição britânica, observaram um eclipse total do sol em Paracuru, no litoral do Ceará (BARBOZA, 2019, p. 142). A segunda expedição foi enviada pela Comissão Conjunta Permanente para Eclipses (JPEC). Este mesmo eclipse foi observado por expedições

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Líderes dos grupos de cientistas norte-americanos que vieram a Paraíba em 1940, é possível perceber que a comunidade astronômica gozava de uma preciosa liberdade de movimentação pelo mundo, em detrimento das rivalidades internacionais que existiam.

O doutor Irvine Gardner, líder da expedição da N.G.S. participou de, pelo menos, outras duas expedições para observação de eclipse antes de vir ao interior da Paraíba. Em 1936, chefiou uma expedição ao território da antiga União Soviética. Neste eclipse foram tiradas as primeiras fotografias coloridas de um eclipse solar, utilizando-se uma lente projetada por ele especialmente para a ocasião. No ano seguinte ele esteve nas Ilhas de Cantão, compondo uma expedição da Marinha Americana como um dos representantes da National Geographic Society. Esta última expedição resultou em um artigo publicado na revista da NGS, na edição de junho de 1938.

Já o doutor Charles Hugh Smiley participou, ao longo de toda sua carreira, de dezesseis expedições para observações de eclipses. Pelo menos uma destas aconteceu antes de 1940, no Peru, em 1937. Em várias destas viagens o dr. Smiley utilizou em suas observações câmeras projetadas por ele mesmo.

Com relação ao eclipse daquele ano, até o mês de agosto parecia existir uma crença de que os cientistas observariam o fenômeno em Olinda (Pernambuco). Mas, com os comunicados enviados pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil e publicados pelo Diário de Pernambuco em edições como a do dia 30 daquele mês⁶, tomou-se conhecimento que, na verdade, os cientistas “yankees” se estabeleceriam no sertão da Paraíba.

O motivo para esta mudança foi revelado pelo doutor Irvine Gardner em entrevista ao Diário de Pernambuco: “Em Patos, ao que sabemos, as possibilidades

científicas norte-americanas e inglesas nas regiões do Atacama, no Chile e do atual Senegal, respectivamente (BARBOZA, 2019, p. 145).

⁶ VEM OBSERVAR o eclipse total do sol. Diário de Pernambuco. Recife, 30 ago. 1940, p.3.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de nuvens são mínimas, pois trata-se de uma região alta e secca [...] D'ahi, portanto, a razão de havermos escolhido esse ponto para centro de nossos estudos e observações⁷ . Ou seja, é a imagem da seca, muito presente no imaginário a respeito do sertão, que leva os cientistas a escolherem as cidades de Patos e Piancó como postos de observação do eclipse.

As expedições chegaram ao Recife a bordo do navio Mor Macgull, no dia 03 de setembro de 1940, por tanto quase um mês antes do eclipse. Ao todo vieram ao Brasil nove cientistas, dentre eles uma mulher, a doutora Alice Farnsworth, e um padre jesuíta, Paul MacNally.

A primeira fazia parte da expedição da Brown University, liderada pelo doutor Charles Smiley. Essa expedição tinha apenas mais um membro, Arthur Hoog. Já a expedição da National Geographic Society contava, além de seu chefe e do reverendo MacNally, com mais quatro membros: Richard Stewart, Karl Kjeis, Theodore Gilliland e Hulbert.

Através das matérias do Diário de Pernambuco, conhecemos a quantidade de equipamentos trazidos pelas expedições ao Brasil. São gigantes telescópios, com lentes potentes para a época. Além disso, a expedição da National Geographic Society trouxe um laboratório móvel para análise dos dados obtidos durante a observação do eclipse. Assim, desde a chegada em Patos, que aconteceu no dia 07 de setembro, os dias que os separavam do fenômeno foram utilizados para montar todos os instrumentos astronômicos no pátio da usina de algodão Anderson Clayton⁸.

⁷ QUE HÁ DE NOVO NO SOL que os astrônomos viajam 9 mil milhas para observá-lo durante 5 minutos. Diário de Pernambuco. Recife, 05 set. 1940, p.3.

⁸ O PRÓXIMO ECLIPSE do sol de primeiro de outubro. Diário de Pernambuco. Recife, 07 set. 1940, p.5.

AMEAÇADO de perder 19 mil dollars. Diário de Pernambuco. Recife, 15 set. 1940, p.5.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Um aparato científico robusto, como a maior parte dos moradores de Patos nunca tinha visto, foi armado para os trabalhos do dia primeiro de outubro. Uma urbe que se pretendia moderna diante de um clássico símbolo da modernidade: a ciência e seus instrumentos. Os yankees vieram estudar um eclipse, mas tornaram-se fiadores dos discursos e projetos de modernização do sertão paraibano.

Os membros da expedição ficam surpresos com o núcleo urbano de Patos. Eles, que esperavam encontrar um lugar quase que inabitado, dão de cara com uma urbe de tamanho considerável e com uma infraestrutura que não esperavam encontrar em lugar tão remoto. A cidade contava com energia elétrica, cinema, estação ferroviária, grandes fábricas de algodão, entre outros sinais de “progresso” na visão daqueles homens das ciências⁹.

Já a expedição chefiada pelo doutor Charles Smiley acomodou-se na povoação de Coremas, distrito da cidade de Piancó. Naquela região estava sendo construído o sistema hídrico Coremas-Mãe d’Água. Esta era a maior obra de engenharia do período e fazia parte das ações da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) para dar um fim a este flagelo que afligia os sertões desde muito tempo. O sistema foi inaugurado parcialmente em meados da década de 1940, e durante muito tempo foi o maior reservatório de águas do país (LUCCHESI, 2017, p.1).

O engenheiro potiguar Estevam Marinho, chefe da obra faraônica do IFOCS em Coremas, foi o responsável por receber e alojar os cientistas “yankees” em instalações da Inspetoria localizadas próximo ao açude. Charles Smiley ficou positivamente impressionado com a infraestrutura disponível, sobretudo com o fato de ter a sua disposição energia elétrica durante o dia e a noite¹⁰.

⁹ QUEIROZ, Octacílio Nóbrega. **Os estudos da corôa e protuberâncias solares a effectuarem-se em Patos.** Diário de Pernambuco. Recife, 22 set. 1940, p.3.

¹⁰ PARTIU para o interior da Paraíba a 2ª expedição de astronomas norte-americanas. Diário de Pernambuco. Recife, 12 set. 1940, p.3.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

É inegável que estes primeiros dias de contato dos cientistas norte-americanos com as cidades do sertão da Paraíba serviram para desconstruir algumas imagens pré-concebidas que eles tinham desta região. Mas, quais eram as dimensões da urbe patoense? Como viviam os patoenses? Que cidade, entre o que esperavam encontrar e o impacto da surpresa, estes cientistas encontraram em setembro de 1940?

O Sertão, os sertanejos e o eclipse

A partir deste momento do texto, me deterei espacialmente à cidade de Patos. As justificativas para esta escolha têm relações com minhas fontes. Como a cobertura do Diário de Pernambuco fixasse nesta cidade, a maior parte das notícias tratam da expedição da National Geographic Society. Some-se a isso o fato de o enviado especial do jornal ser um cidadão patoense. Essas diferenças em relação à cobertura sobre a expedição que se alojou na povoação de Coremas, permitem lançar um olhar mais ampliado entre as relações entre estrangeiros e moradores da cidade.

Segundo o censo demográfico de 1940, a zona urbana de Patos era constituída por cerca de duas mil quatrocentos e cinquenta casas. A maior parte delas era de alvenaria. Na edição do Diário de Pernambuco de 22 de setembro, o doutor Irvine Gardner faz referência às moradias da cidade: “Tivemos uma boa impressão das casas bem caiadas de Patos, o que indica que esta cidade gosá (sic) de um período de prosperidade”¹¹.

Estas casas abrigavam uma população de cerca de sete mil e oitocentas pessoas. A população total do município era de quarenta e uma mil e oitocentos e cinquenta moradores, que viviam em sua maioria na zona rural. A principal atividade econômica era a agricultura. Na mesma entrevista do dia 22 de setembro, Gardner

¹¹ QUEIROZ, Octácilio Nóbrega. **Os estudos da corôa e protuberâncias solares a effectuarem-se em Patos.** Diário de Pernambuco. Recife, 22 set. 1940, p.3.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

enfatiza a força da produção de algodão da cidade: “Em Patos vemos grandes quantidades de algodão todas as horas do dia e da noite”¹².

A instrução da população era baixa. Cerca de oito mil e trezentas pessoas sabiam ler e escrever, e entre as pessoas com idade entre sete e quatorze anos, mil estavam recebendo instrução. Os dados do censo não são claros com relação a porcentagem da população total com essa faixa etária a que esses mil alunos correspondiam. É seguro afirmar, a partir da análise que realizei das relações entre faixa etária/instrução disponíveis no censo, que esse número não ultrapassava 35% da população total entre os sete e quatorze anos.

Por fim, nesse quadro mais geral, mais de quarenta e uma mil e quinhentas pessoas eram católicas na cidade de Patos. A religiosidade era um fator importante para a vida da população daquela urbe, como se pode perceber pela importância da festa da padroeira de Patos¹³.

Tabela 01 - Patos no Recenseamento de 1940

Aspecto	Dados
Casas na zona urbana	Cerca de 2.450 casas, predominantemente de alvenaria.
População urbana	Cerca de 7.800 pessoas.
População total do município	41.850 moradores, majoritariamente na zona rural.
Atividade econômica principal	Agricultura, com destaque para a produção de algodão.

¹² QUEIROZ, Octacílio Nóbrega. **Os estudos da corôa e protuberâncias solares a effectuarem-se em Patos.** Diário de Pernambuco. Recife, 22 set. 1940, p.3.

¹³ Referenciar o censo

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Taxa de alfabetização	Aproximadamente 8.300 pessoas sabiam ler e escrever.
InSTRUÇÃO DE CRIANÇAS (7-14 ANOS)	Cerca de 1.000 alunos estavam matriculados, representando até 35% dessa faixa etária.
População católica	Mais de 41.500 pessoas, destacando a importância da religiosidade na vida local.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento Geral do Brasil (1940).** Rio de Janeiro, 1952.

Todas estas informações constroem uma imagem de uma cidade parecida com tantas outras da região, com a população morando em sua maior parte no campo, empregada na agricultura, católica e com pouca instrução. Apesar disso, a imagem que a elite política tentava construir naquele momento em que os olhos do mundo científico estavam voltados para o sertão, era a de uma região em processo de modernização.

Na edição de 29 de setembro, o Diário de Pernambuco trazia em sua terceira página um gráfico que descreve as fases do eclipse solar. O gráfico é acompanhado por um texto que explica minuciosamente todos os aspectos científicos de um eclipse total do sol e do trabalho dos cientistas estrangeiros. Ao final do texto, uma tabela continha informações sobre o horário em que o eclipse seria observado em várias capitais de Estado brasileiras, com destaque e detalhamento maior para as cidades de Teresina, João Pessoa e Recife – locais de circulação do periódico.

A primeira matéria desta edição, intitulada *O sol desaparecerá completamente durante cinco minutos*, é seguida por outra, escrita por Octacílio, com o título, *A expedição da "National Geographic Society" últimos preparativos para as suas observações*. Esta última traz uma série de informações interessantes do dia anterior – 28 de setembro –, que permite entrever um modo diferente de vivenciar o eclipse daquele que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

costumava circular nas páginas jornal e nas falas dos cientistas e membros da elite local¹⁴.

Octacílio Nóbrega de Queiroz afirma que leu em um autofalante uma nota explicando o fenômeno para as pessoas que observavam o trabalho de montagem dos equipamentos científicos da expedição da National Geographic Society. Mas, por qual motivo essa leitura foi realizada? A sequência do texto nos aponta uma possível resposta.

O jornalista afirma nos parágrafos seguintes que pessoas da zona rural de Patos (de povoações como São José, Cacimba de Areia e Girimum) estavam procurando a igreja por medo do fim do mundo. Em uma tentativa de demover da mente destas pessoas o medo, três padres e o pastor protestante Paul Davidson tentavam explicar o trabalho dos astrônomos a estas pessoas, e que não existia perigo nenhum no fenômeno. Encerrando este texto, Octacílio afirma que as escolas da cidade visitaram o local das observações.

Acredito que tanto a leitura pública da nota explicando o eclipse, realizada por Octacílio Nóbrega de Queiroz, o esforço das autoridades religiosas e a visita dos alunos das escolas da cidade ao observatório montado no pátio daquela usina de algodão, constituíram uma série de ações adotadas para “desencantar” o eclipse e transformá-lo em um fenômeno explicável, racional. Uma tentativa de silenciar identidades culturais que contrastassem com a imagem de modernidade que as elites locais tentavam dar àquela urbe do sertão paraibano.

Já na edição que circulou no dia do eclipse, a principal matéria tem por título: *Hoje, em pleno dia, tudo ficará ás escuras, durante 5 minutos.* A página três – página de destaque do periódico, só menos importante do que a capa – traz uma série de fotografias dos membros da expedição da N.G.S. e dos instrumentos que foram

¹⁴ QUEIROZ, Octacílio Nóbrega de. **A expedição da “National Geographic Society” últimos preparativos para as suas observações.** Diário de Pernambuco. Recife, 29 set. 1940, p.3.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

utilizados na observação do eclipse do sol, além de um gráfico que representa o encobrimento do sol pela lua durante cada fase do fenômeno.

Os textos desta primeira matéria tratam de horários, da expectativa dos cientistas e de outros observadores a respeito do eclipse, sua repercussão na mídia nacional e, principalmente, sobre as questões que envolviam o clima e o medo do mal tempo atrapalharem todo o planejamento realizado pela expedição em Patos.

A página três é composta ainda por mais duas matérias. Uma intitulada: *Concluindo os trabalhos de montagem e graduação dos seus aparelhos a expedição da N. G. S. aguarda o eclipse*, onde Octacílio afirmava que aquela expedição era a maior do mundo para este eclipse. Ele comentava o fato destes cientistas terem realizado um trabalho de um ano, para cinco minutos de observação. A segunda tinha por título, “*Vamos ter tempestade, escuridão e ‘queda do planeta’*”. Nesta chamada, Octacílio afirmava que era entre os sertanejos mais “atrasados” que o medo do eclipse circulava. Ele transcrevia o que dizia ser algumas falas que circulavam entre a população: “briga entre o sol e a lua”, segundo uma “velha” que viu o eclipse de 1919. “As engrenagens dos yankees” segurariam o planeta, dizia um motorista, na feira da cidade¹⁵.

Novamente, o padre da cidade, Fernando Gomes, aparece no texto de Octacílio, explicando o fenômeno para a população local, desta vez na missa de domingo. Octacílio relata ainda que o pe. Fernando Gomes foi procurado por pessoas para benzer velas e fósforos, pois segundo estas pessoas, “o fim do mundo vem ahi”, em clara referência ao eclipse.

A posição do padre e do pastor protestante de Patos chama atenção. Ambos participam do esforço de desmistificação do fenômeno natural que iria ser

¹⁵ QUEIROZ, Octacílio Nóbrega de. **Concluindo os trabalhos de montagem e graduação dos seus aparelhos a expedição da N. G. S. aguarda o eclipse**. Diário de Pernambuco. Recife, 01 out. 1940, p.3.

QUEIROZ, Octacílio Nóbrega de. **Vamos ter tempestade, escuridão e ‘queda do planeta’**. Diário de Pernambuco. Recife, 01 out. 1940, p.7.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

observado na cidade. Ambos parecem ter estabelecido relações próximas com os cientistas yankees e frequentavam o observatório temporário montado por eles.

Assim, a religiosidade pode ser interpretada de duas maneiras: enquanto a religiosidade popular alimentava as interpretações apocalípticas do eclipse, a oficialidade do cristianismo era uma aliada dos projetos de modernização defendidos pelas elites locais.

Algumas notas sobre a modernização no Sertão e o eclipse de 1940

Diante da análise da documentação, me parece que convencer a população local de que o eclipse total do sol não era sinal do fim do mundo foi uma missão compartilhada por uma rede de personagens das elites patoense e das expedições científicas. Além de mostrar para os visitantes que a urbe patoense era moderna, parecia surgir, também, o desejo das elites de impor um novo modo de compreender o mundo, baseada numa visão mais racional e científica, ou letrada.

Essa busca pela desmistificação do fenômeno não parece ter alcançado sucesso total. As idas de pessoas à Igreja Católica, a atuação dos padres e do pastor protestante visando aplacar o medo da população, a leitura em alto-falante de uma nota explicativa do trabalho da expedição, feita pelo jornalista do Diário de Pernambuco, são sinais de que esse medo enraizado do fim do mundo relacionado ao eclipse era real nas mentes de boa parte da população patoense.

Esse medo apocalíptico nos indica uma compreensão do evento por parte destas pessoas. Esta compreensão estava direcionada para o futuro, mas não a partir da ideia de progresso, cara aos modelos de modernização, mas sim de um medo escatológico.

O temor do fim do mundo estava referenciado em crenças religiosas, buscando em narrativas míticas a explicação para o presente. O modo destas

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pessoas interpretarem o eclipse parece fazer parte de um imaginário que teima em sobreviver em um sertão que passava por um processo fáustico de modernização tocado pelo poder público e pelas elites locais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARBOZA, Christina Helena. O observatório Nacional e a observação de eclipses solares: ciência e cooperação internacional. In: BOZI, Alba Lívia Tallon; PESSOA, Marília [Org.]. **O eclipse de 1919: a comprovação da Teoria da Relatividade Geral, a física moderna e o Observatório Nacional**. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, 2019.
- BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 111-152.
- LUCCHESI, Fernanda. O feijão de Zé Américo: Terra, trabalho e deslocamentos nas políticas contra as secas, o caso de Coremas. São Paulo: Tese (Doutorado), USP/FFLCH, 2017.
- MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. Signos em confronto? O arcaico e o moderno na cidade de Princesa (PB) na década de 1920. João Pessoa: Ideia, 2018.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

QUEIROZ, Bertino Nóbrega de. **Tempos de Octacílio Queiroz: perfil de uma vida.** João Pessoa: Editora Universitária, 2000.

RODRIGUES, Joyce Mota. **Entre telescópios e potes de barro: o eclipse solar e as expedições científicas em 1919.** Sobral – CE: Dissertação de Mestrado apresentada ao PGHS/UFCE, 2013. 131 f.

SILVA, Josinaldo Gomes da. **Imagens do moderno em Patos - PB: (1934 - 1958).** Campina Grande: Dissertação de Mestrado PPGH/UFCG, 2011. 162 fl.

SOUZA, Jocilene da Silva. **Coremas de vila à cidade: açude Estevam Marinho como impulsionador da vida urbana nas décadas de 1930-1940.** Cajazeiras: UFCG, Trabalho de Conclusão de Curso, 2016.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade